



UM OLHAR SOBRE A UNIVERSIDADE, A PÓS-GRADUAÇÃO E O CAMPO DA INTERDISCIPLINARIDADE¹.

Walter Frantz²/UNIJUI

Resumo: Ao ler e refletir sobre o conteúdo de um tema de aula ou de palestra, não costumo ficar só no campo abstrato da reflexão. Busco fazer conexões com minha vida pessoal e coletiva. Procuo incorporar à reflexão meus lugares de vida: na sociedade, na universidade, na condição de cidadão, de professor, de membro de família. Tomo a liberdade de convidar vocês a pensarem sobre o que cada um/a entende ser uma universidade e o que nela faz. De tão primário que isso é, muitas vezes, em nosso dia-a-dia, não pensamos mais nisso. Minha visão não precisa ser a de vocês, mas, na condição de palestrante, é importante dar a conhecer o que penso sobre universidade. Hoje, desafios pontuais cedem lugar a uma consciência da necessidade de “um outro mundo possível”, transcendendo as questões específicas de indivíduos ou grupos sociais. Hoje, globaliza-se uma consciência por novos caminhos de vida. Os esforços da Pós-Graduação podem ganhar importância diante desse contexto, instituindo a interdisciplinaridade como *modus operandi* do ensino, pesquisa e extensão.

Palavras-chave: Universidade. Interdisciplinaridade. Pós-Graduação.

1. Introdução

Agradeço à Profa. Mareli Eliane Graupe, Coordenadora do PPGE, à Profa. Ana Emília Siegloch, Coordenadora do PPGAS, e à UNIPLAC, pelo convite de poder dialogar com vocês. Saúdo colegas e pós-graduandas/os dos Programas de Pós-Graduação em Educação e em Ambiente e Saúde. Penso que o convite não é apenas uma oportunidade para falar sobre universidade, mas também uma oportunidade de reflexão para nos vermos nela como estudantes, pós-graduandos/as, docentes, cidadãos/ãs ou educadores/as. Assim, ao buscar organizar minhas ideias para vir, até aqui, ao invés de ir aos livros, primeiro, fui ao *túnel do tempo* e às recordações com

¹ Texto de palestra na Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC, Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação e Programa de Pós-Graduação Mestrado em Ambiente e Saúde, Lages, Santa Catarina, em 05 de março de 2018.

² Professor do Departamento de Ciências Jurídicas e Sociais e do Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências, da UNIJUI.

Revista GepeVida 2018

duas perguntas: o que entendo por universidade e o que faço nela? Afirma o historiador Jörn Rüsen que “lembrar-se daquilo que era e de como se tornou o que é, faz plausível, para o sujeito, tornar-se outro” (2007, p. 61). Aprendemos pelo caminho da vida e, assim, mudamos nossos conceitos, nossas relações, interações e intervenções no mundo da vida. Aprendizagens abrem caminhos de possibilidades.

Ao ler e refletir sobre o conteúdo de um tema de aula ou de palestra, não costumo ficar só no campo abstrato da reflexão. Busco fazer conexões com minha vida pessoal e coletiva. Procuo incorporar à reflexão meus lugares de vida: na sociedade, na universidade, na condição de cidadão, de professor, de membro de família. Enfim, procuro fazer uma conexão com as relações sociais, que estabeleço em meu mundo, pois, afinal, o *mundo* é um conceito histórico. É construído, ao longo do tempo, pelos seres humanos, através de suas relações culturais, sociais, políticas, jurídicas e econômicas. Procuo descobrir as relações existentes ou possíveis dos conteúdos da leitura com minha vida e seu ambiente, com o mundo em que vivo. De certo modo, procuro instrumentalizar a leitura como possibilidade de intervenção no mundo, na sociedade, que quero para viver. Afirma Jason Ferreira Mafra (2008, p. 11) que “a possibilidade como categoria histórica redimensiona a esperança e as formas de intervenções e invenções sociais”. Penso que precisamos, sempre de novo, reinventar o mundo em que vivemos. Enfim, para que mais serviria o conhecimento, a ciência ou a universidade, senão pela vida?

Tomo a liberdade de convidar vocês a pensarem sobre o que cada um/a entende ser uma universidade e o que nela faz. De tão primário que isso é, muitas vezes, em nosso dia-a-dia, não pensamos mais nisso. Minha visão não precisa ser a de vocês, mas, na condição de palestrante, é importante dar a conhecer o que penso sobre universidade.

Ao aceitar falar sobre universidade, foi-me sugerido que incluísse as questões da pós-graduação e da interdisciplinaridade. São temas que, a rigor, não fazem parte das atividades de meu campo específico de pesquisa. No entanto, na condição de professor, esses temas fazem parte da vida pessoal e profissional. Aliás, fazem parte da vida de cada docente que integra uma universidade. Digo da vida e não apenas de atividades profissionais, pois, *o que fazemos também somos*. Penso que existe uma relação estreita e profunda entre *saber-ser-fazer*, que se traduz em ação-reflexão-ação. Do contrário, correremos o risco de sermos *instrumentalizados* por razões e projetos distantes ou

Revista GepeVida 2018

estranhos à vida, perdendo as condições de sujeitos de conhecimento. Penso que podemos falar em sociedade do conhecimento, quando os seres humanos constroem suas relações com o mundo, desenvolvem a si mesmos, suas habilidades e competências, pelos caminhos da ciência e dos saberes. Isto é, quando fazem tudo isso, através de seus diferentes espaços de atuação, como os da educação, da política ou da economia, comprometidos com a vida. Na sociedade contemporânea, vivemos um processo histórico de mudanças e transformações com reflexos em todas as dimensões da vida dos seres humanos e junto à natureza, da qual fazemos parte e na qual vivemos. Compreender os desafios desse processo histórico, atuar sobre ele, é uma urgente tarefa posta a cada um de nós, especialmente, através do conhecimento.

Permitam-me, primeiramente, dizer algo de minha história pessoal. Não se trata de narcisismo, mas quero apenas dizer algo das vivências e experiências do caminho da vida. Eu cheguei à universidade, há 50 anos. Faz quatro décadas que terminei minha pós-graduação, na Westfälische Wilhelms-Universität Münster - WWU/Alemanha, sonhando com um mundo mais humanizado. O estudo era “permeado” por questões políticas, vinculadas às questões sociais e ambientais. Fiz meus estudos sob uma perspectiva de militância em favor de um projeto de sociedade mais acolhedora e cooperativa. Em plena guerra fria, vivíamos em um mundo de contradições e conflitos, que sonhávamos superar. Para minha geração a universidade e a ciência não eram neutras, pois elas vêm dos seres humanos. Ciência e universidade são construções humanas.

Tivemos grandes sonhos. Mas, ao final, dos grandes sonhos o que sobrou? Em meio às mudanças, sobrou um mundo a reconstruir e, assim, continua o desafio de lutar por uma sociedade mais acolhedora. Sobrou a esperança e a possibilidade do caminho da educação. Além disso, hoje, nos deparamos com um imenso desafio à humanidade, que considero tocar nossa sobrevivência: o de “reverter” o encontro entre o ser humano e a natureza, submetidos à lógica do capital e do consumismo. Penso ser um desafio urgente à humanidade. Apesar do avanço e das conquistas da ciência, a humanidade parece longe de superar suas contradições sociais e ambientais, que advém do mundo da economia. No entanto, penso que ainda temos em nós a possibilidade para agir sobre os condicionantes adversos desse contexto. Existe uma energia que se forma na relação entre os seres humanos, a partir de suas necessidades, interesses ou desejos. Porém, isso

não é dado a priori. Precisa ser construído. Trata-se de um processo político que tem no campo da educação uma de suas potencialidades e possibilidades.

Outrora, sonhávamos com profundas mudanças e disso decorriam razões e forças de atuação. Segundo Norberto Bobbio (2000, p. 27), “todas as coisas do mundo em cada tempo têm seu próprio encontro com os antigos tempos”. Como podemos realizar o encontro entre o passado e presente? Quais são, hoje, nossas razões e forças para agir?

Afirma Hannah Arendt (2016, p. 39) que “o homem na plena realidade de seu ser concreto vive nessa lacuna temporal entre o passado e o futuro”. Vivemos entre o passado e o futuro, constituindo nosso presente, e, nesse sentido, “a lacuna temporal” do presente pode vir a ser *movimento de aprendizagem*, de rupturas, de superações, desde que saibamos interpretar a herança e o testamento deixados pelos que nos precederam e desde que tenhamos um projeto de vida a seguir. Ao procedermos assim, abre-se a possibilidade de nos constituirmos sujeitos de nossa história. Isto é, de constituirmos nossos espaços e territórios, nossa força de lugar, nossas possibilidades, nossas experiências, a partir da universidade. A universidade é um lugar construído e de construção. Aqui, é importante lembrar que um projeto de vida é mais que um projeto profissional ou um emprego e que a universidade pode ter a ver com tudo isso. Afinal, qual a razão e o sentido de estarmos na universidade?

2. Um lugar à universidade

Hoje, aprofunda-se a crise social e ambiental. Falar sobre isso já não é mais novidade. O difícil é construir soluções para os problemas dela decorrentes, apesar de sabermos que nosso bem-estar não pode nascer da destruição das condições de vida. Diante disso, pergunto-me: qual o lugar da ciência e da educação nesse processo de construção? Quais são as possibilidades da universidade, frente a isso? Quais são minhas/nossas responsabilidades nisso?

No mundo em que vivemos, o desenvolvimento da ciência e da política foi convertido em força produtiva a favor do capital, mais que da vida, potencializando a capacidade de acumulação e concentração das riquezas. Essa lógica passou a ser a ordem das coisas, o sentido do poder e da força de regulação das relações sociais e

econômicas. Afirmou-se um novo e diferente contexto de forças e relações econômicas, sociais, políticas e jurídicas. De modo amplo, passamos a chamar isso de neoliberalismo. Pierre Dardot e Christian Laval (2016, p. 16 e 30) afirmam que o neoliberalismo como uma racionalidade tende a estruturar e organizar a existência humana em sua totalidade, produzindo “certos tipos de relações sociais, certas maneiras de viver subjetividades”, que se estendem a *todas* as dimensões da existência humana como a *razão do mundo*: expandir e acumular capital. Na visão dos autores, diante disso, orientado pelo princípio da competição, o neoliberalismo produz “uma subjetividade ‘contábil’ pela criação de concorrência sistemática entre os indivíduos”. Na minha visão, essa razão está *cobrindo e penetrando* o campo da educação à semelhança de uma neblina, dificultando a visão dos fatos e da história. Como um dos efeitos temos certa passividade, que se pode chamar de *servidão consentida* ou de *alienação militante* (atualmente, um fenômeno presente em movimentos de rua, no Brasil).

No atual contexto hegemônico, as práticas econômicas se separaram de valores fundamentais à vida. A lógica do capital passou a “ordenar” os diferentes indivíduos no campo da economia, da política, da cultura, da educação, uniformizando-os em seu modo de pensar e agir, restringindo-lhes a possibilidade de dizerem sua própria palavra. Escrevem Eugênio Bucci e Maria Rita Kehl (2004, p. 22): “O capital é o sujeito que sujeita a todos os outros. [...] Os indivíduos são sujeitos inconscientes do capital”.

Enfim, hoje, vivemos em uma sociedade de riscos à vida, a partir do uso da ciência. O que, certamente, soa como um imenso paradoxo: afinal, a ciência só faz sentido se for pela vida. Ao submeter a natureza ao poder de uso da ciência e da tecnologia, a humanidade incorre em diferentes riscos ambientais e sociais, inerentes ao modo atual de vida dos seres humanos. Trata-se de riscos produzidos pelos seres humanos. Entendo que, por esse viés, estreita-se o sentido humano da vida. Pergunto-me: Nesse contexto, qual o sentido e o lugar de uma universidade? Como ser professor/a e qual o sentido e o lugar da pós-graduação nessas condições?

Ser professor/a em uma instituição, voltada à educação e à formação profissional, vai além das atividades em si, que nela realizamos. Nela expressamos não só o que pensamos, mas o que somos e almejamos ser, pois, fazemos nossos sentidos de vida, a partir da inserção no mundo. Não nascemos com um sentido de vida. Esse o

fazemos e refazemos, ao longo da vida. Certamente, esse é um dos processos mais significativos de nossas vidas, que desafia a educação e o ensino, na perspectiva de nos *constituirmos sujeitos* de sonhos e projetos, isto é, de intervenção em processos sociais que envolvem nossas vidas. Talvez, nisso esteja um dos maiores desafios à universidade, à interdisciplinaridade e, também, aos programas de pós-graduação: a constituição de sujeitos com capacidade de intervenção em uma sociedade complexa e paradoxal como a nossa. Não me parece ser uma tarefa fácil. Acima de tudo, exige muita leitura, reflexão crítica e diálogo.

3. Decorrências de um contexto desafiador

Nas condições históricas de minha infância e juventude, a vida dependia muito de relações associativas e cooperativas; mais que da concorrência e da competição. Penso que, hoje, valorizamos mais o esforço pela integração no mundo, tendo como importante referência a competição: no lugar do coletivo, cada vez mais, impõe-se o individual e a concorrência, sob o princípio da ilimitação de metas. A **concorrência** passou a ser o princípio ordenador das relações sociais. Sob a lógica desse princípio, constata-se a existência de relações econômicas, sempre mais globalizadas e dominadas por grandes corporações para as quais a **ilimitação de metas** passa a ser a estratégia de condução dos pensamentos e comportamentos humanos. No entanto, o atrelamento e submissão ao mercado, dominado pela lógica da economia concorrencial, estreita nossas relações sociais.

Diante disso, de certo modo, existe uma conformidade com o mundo existente, no qual somos sempre mais empresas de nós mesmos; cobramos a nós mesmos como devedores, em relação às metas estabelecidas. Segundo Félix Guattari e Suely Rolnik (2000, p. 17), “o capital ocupa-se da sujeição econômica, e a cultura, da sujeição subjetiva”, constituindo uma camisa de força de poder de controle social e fragilizando a capacidade de resistência à essa dominação. (A partir disso, pode-se pensar no C. V. LATTES, na classificação QUALIS, na plataforma SUCUPIRA, nos procedimentos das AVALIAÇÕES etc).

Eunice Trein e José Rodrigues (2011, p. 784), em tom de crítica, denunciam que “as exigências produtivas nos distraem, nos dividem, fragmentam nossos esforços,

Revista GepeVida 2018

superficializam nossas produções, aligeiram nossa elaboração, nos confinam ao fazer *em si* nos apartando do *para si*, da reflexão sobre o valor de uso social para a classe trabalhadora dos resultados do que produzimos num cotidiano amesquinhado”.

Corremos o risco de sermos ordenados/conformados aos grandes projetos do setor da economia, pela concorrência. Ao contrário da afirmação de Trein e Rodrigues, em décadas passadas, afirmava-se a esperança pela construção de melhores condições para viver, por meio da associação e da cooperação. Nesse sentido, a própria ida à universidade tinha um sentido mais amplo. Através do estudo, buscava-se poder dizer a própria palavra como um debate sobre a sociedade, que se sonhava e queria para viver.

Considero que aprender a dizer a palavra, em processos coletivos, constitui um dos princípios fundamentais de uma educação com sentido de emancipação. Aprender a dizer a própria palavra constitui, certamente, um dos maiores desafios, no campo da educação. Penso que aprender a dizer a própria palavra, também e ainda, faz sentido na universidade, inclusive, na pós-graduação. E a interdisciplinaridade, enquanto diálogo, no campo da construção do conhecimento, pode vir a ser uma valiosa experiência e estratégia desse processo: na relação interdisciplinar, cada qual, diz sua palavra, tendo um sentido comum.

Afirma Paulo Freire (1975, p. 92) que “não é no silêncio que os homens [os seres humanos] se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”. Sabemos que palavras não nascem por geração espontânea. São expressões históricas. Entendo que palavras são produzidas no processo de relações sociais, nos diferentes espaços de vida. Carregam histórias e experiências de vida, que lhes dão conteúdos e, assim, podem constituir-se instrumental de projetos sociais, construtores de novas condições de vida.

A universidade foi um importante lugar de qualificação da capacidade para poder dizer minha palavra. Iniciei na universidade, ao final da década de 1960, voltado a atividades de educação popular. Foi pela educação popular que desenvolvi minha inserção na sociedade. Em meio às vivências, fui consolidando a percepção e a convicção de que, mais que emprego e trabalho, a universidade pode ser um lugar de vida, de sonhos, de esperança, a partir do qual se faz ciência, constrói-se conhecimento, capacidade de reconhecer o equilíbrio e a manutenção da vida, em uma sociedade de risco e na qual somos desafiados a tomar posição como sujeitos corresponsáveis a respeito de seus rumos.

Penso que, aqui, entra a pedagogia. José Carlos Libâneo (1998, p:22), afirma que “o pedagógico refere-se a finalidades da ação educativa, implicando objetivos sócio-políticos a partir dos quais se estabelecem formas organizativas e metodológicas da ação educativa. Nesse entendimento, o fenômeno educativo apresenta-se como expressão de interesses sociais em conflito na sociedade”.

Faz sentido refletir sobre a experiência de estar na universidade, para além do emprego, pois, na condição de docentes, colocamos nela boa parte de nossas vidas, encontrando-nos com as/os outros/as, seja na condição de colegas ou estudantes. Nela não apenas trabalhamos, mas boa parte de nossas vidas transcorre nela. Portanto, a universidade acaba sendo um lugar de vida, de utopias criadoras, de alegrias e angústias, além de ser um lugar de fazer ciência, produzir conhecimento e ocupar-se com educação, com formação profissional.

4. Educação e docência

Falamos muito sobre a importância da educação, mas, muitas vezes, vivemos *desencantos*, relacionados às condições objetivas dos tempos e lugares de seu processo social de *acontecimento*. Essa é uma questão ou problemática que não podemos “deixar aos cuidados do tempo”, pois, reflete-se, diretamente, na vida das pessoas. Envolve e condiciona suas vidas. Daí sua importância política e social. Assumir os desafios dessa problemática é tarefa para todos, que estão, especialmente, nos espaços de uma universidade. Isso vai além das atividades do trabalho em si. Envolve vidas. Talvez, esteja nisso, mais que na ciência ou nas teorias em si, uma possibilidade de encanto com o *estar* e *trabalhar* nos espaços de uma universidade como professor/a.

O termo professor/a tem origem no latim. Em sua raiz etimológica está o verbo *profiteor* e que pode significar: confessar publicamente, ensinar, dar a conhecer, revelar, testemunhar, comprometer-se, cultivar. Ainda é válido e possível deduzir dessa compreensão a *essência pedagógica* das práticas educativas, hoje?

Hoje, existe uma forte tendência que procura traduzir, sempre mais, o conceito de *professor/a* como sendo alguém que vende, no mercado de trabalho, uma atividade como qualquer outro trabalhador/a. Da visão do *profiteor* vai-se à missão do *mercor*, verbo latino que significa práticas de comércio ou negócio. Isto é, vende-se e compra-

se, cada vez mais, essa mercadoria, através de “empresas” do *ramo da economia da educação*. A prática da educação, muitas vezes, em primeiro plano, é vista como “negócio”.

Ser professor [ou ser estudante], sob esse ângulo, significa estar muito próximo ao que é o mercado. Estudar significa, desse modo, preparar-se para competir, no mercado. Essa percepção de educação contém um forte gérmen de individualismo, em direção ao egoísmo, à concorrência de valores materiais.

Reconhece-se, evidentemente, a importância da preocupação com a inserção ao mercado de trabalho, com a formação para o mercado de trabalho. Porém, a redução das práticas de educação ao *mercador*, certamente, também é preocupante, sabendo-se que o ser humano, além da necessidade do consumo, pode desenvolver e cultivar outras dimensões. Esse é o sentido político da vida, que acontece na relação com o outro.

5. Universidade, pós-graduação e interdisciplinaridade

A universidade como lugar de conhecimento não é um campo neutro; assim como a educação, também a universidade é um lugar de processos políticos, que envolvem a vida. É um lugar coletivo, no qual associação e cooperação podem ser processos estratégicos. Penso que a universidade consegue dar sentido à vida, sem ser reduzida apenas a uma dimensão de qualificação de mão-de-obra para o mercado. Pode ser um lugar de encontro e de diálogo com o outro sobre sentidos e compromissos de vida, construídos no contexto histórico das necessidades e interesses dos seres humanos e de sua relação com a natureza. Talvez, estejam nisso as raízes da interdisciplinaridade, que tanto buscamos definir e compreender em suas práticas.

Nesse sentido, o diálogo é condição *sine qua non* da interdisciplinaridade, que deve ter como denominador comum relações associativas e cooperativas. Penso que interdisciplinaridade não nasce da concorrência e da competição, nos espaços do fazer universitário. Interdisciplinaridade nasce do esforço cooperativo, deve ter um sentido de inclusão.

Em nosso fazer acadêmico, somos influenciados por valores e preferências, por uma visão de mundo e por motivações, que orientam nossas reflexões e ações, que têm suas raízes no contexto da sociedade, a qual se encarna em nós. Assim, minha reflexão

Revista GepeVida 2018

sobre educação, universidade, pós-graduação e interdisciplinaridade, parte de vivências e experiências, de conceitos e práticas em interlocução. Sabemos que a educação não é um espaço neutro e isso decorre de sua interdisciplinaridade. A ela são dados, em tempos e lugares diferentes, conteúdos políticos diferentes. Isto é, através dela se expressa o tipo de sociedade que se quer, a partir de olhares diferentes em interlocução. Ter clara compreensão disso, é outra condição *sine qua non* para práticas de interdisciplinaridade, que não são *processos mecânicos técnico prescritos*, mas processos pedagógicos e políticos em construção.

A universidade é um espaço de múltiplas faces e relações de poder, com profundas raízes nos projetos políticos de uma sociedade. Não é apenas uma agência de qualificação para o mundo do trabalho. É um espaço privilegiado de formação do qual nasce a possibilidade do/a professor/a exercer um papel de agente transformador na sociedade. Por isso, na universidade também podem ser encontradas todas as posições ideológicas e políticas presentes na sociedade. Não se trata de um desvio, de um defeito, de uma disfunção. Não existe universidade, formação ou educação, fora e acima da realidade social.

A universidade é uma das muitas instituições da sociedade humana. É uma das expressões da sociedade e, como tal reflete o seu contexto histórico, isto é, aquilo que vai por dentro desta: paradoxos, rupturas, crises. Já no século XVI, Montaigne escrevia: “O mundo não é mais que um perene movimento” (COMPAGNON, 2015, p. 17). O mundo como um movimento histórico somos nós. A universidade, certamente, é um dos *motores* desse movimento, que advém do conhecimento que nela se produz. O conhecimento gera a força do movimento.

Entendo que a universidade não é uma empresa, na qual se trabalha atrelado à rentabilidade de investimentos, reduzindo o trabalho a uma pura dimensão econômica, transformando os seus afazeres em atividades de negócio, os estudantes em clientes, a educação em mercadoria e os professores/as em colaboradores/as de capital investido. O emprego desses termos, que carregam significados e usos históricos, expressam concepções polêmicas de educação, nos diferentes níveis da formação humana. Penso que o uso, por si só, não faz o conceito. Fazer da educação uma mercadoria, um negócio, não quer dizer que ela seja isso exatamente.

Revista GepeVida 2018

A universidade, antes de ser instrumento a serviço de interesses e valores econômicos, é uma instituição de valores de vida, que são bem mais amplos que a materialidade do campo da economia. Ela tem seu ritmo e seu tempo, diferentes de uma organização voltada à rentabilidade econômica. Entretanto, a universidade também não pode desconhecer a base material da vida e os seus desafios de gestão, que provêm desse seu sentido material.

Por isso, ela é uma organização complexa, tanto em seus processos de gestão como em seus sentidos de existência e atuação. Porém, pensar criticamente sobre isso, com certeza, é desafiador: reconhecer seu contexto de atuação, não é o mesmo que atrelar-se ao contexto. Esse parece ser o *núcleo criativo* de sua gestão. Talvez, isso seja mais desafiador do que instrumentalizar ou submeter, simplesmente, as suas práticas ao contexto das relações econômicas. Entendo que não cabe à universidade a função de conformação ativa à lógica do modo hegemônico de ser do homem pragmático contemporâneo.

Entendo que a universidade é um espaço de argumentação não no sentido da derrota do outro com quem se argumenta, mas com o sentido da construção de novos horizontes de percepção e compreensão da realidade, pelo caminho da ciência. Porém, esse processo formativo deve ter por base o diálogo, a comunicação, a disposição de ouvir e falar. É pela comunicação, pelo diálogo ou pela argumentação, que os participantes desse processo conseguem qualificar o sentido e o significado de suas atividades de ensino, pesquisa e extensão ou de formação profissional. Certamente, podemos afirmar que esse processo constitui um espaço privilegiado de práticas interdisciplinares. Pode-se dizer que a interdisciplinaridade, além de um conceito em si, é uma estratégia de atuação no processo de formação de pessoas e de qualificação profissional.

Como conceito e prática a interdisciplinaridade, de certo modo, nasceu da crise da universidade, tendo suas raízes históricas nos anos da década de 1960, quando se buscou romper o modelo de educação dominante. Escreve Ivani C. Arantes Fazenda (1994, p. 18) que nasceu em “oposição à alienação da Academia às questões da cotidianidade, às organizações curriculares que evidenciavam a excessiva especialização e a toda e qualquer proposta de conhecimento que incitava o olhar do aluno em única, restrita e limitada direção”. Nasceu do esforço de superação da

excessiva especialização do conhecimento, da superação da ciência multipartida, em busca da reconstrução de uma totalidade.

Entendo que a interdisciplinaridade é um conceito e uma prática, tendo em sua base o esforço pela superação da fragmentação do conhecimento, porém, sem renunciar à particularidade disciplinar do conhecimento. Poder-se-ia dizer que constitui o diálogo entre autonomias, entre diferentes abordagens disciplinares, com vistas a um objetivo ou projeto comum. Entendo que o conceito e as práticas da interdisciplinaridade estão relacionados à construção de algo novo e comum, a partir de diferentes campos de visão e compreensão (teóricos), isto é, de diferentes disciplinas e áreas de conhecimento. Entendo que como conceito constitui um movimento em direção a um todo, isto é, a um projeto comum, que é maior que a soma das partes, isto é, das disciplinas. O projeto está acima das partes, mas consegue acolhê-las pelo diálogo das partes entre si.

Penso que as práticas de interdisciplinaridade decorrem do esforço por constituir um projeto comum, a priori, algo ainda não existente. Pela interdisciplinaridade se busca realizar a compreensão do “projeto comum instituído”, a partir do diálogo das especificidades de cada disciplina ou área de conhecimento. A interdisciplinaridade busca discutir esse “algo”, a partir da confluência das particularidades, através da interlocução dos saberes de cada disciplina a respeito de um fenômeno, superando a fragmentação de sua compreensão.

Em termos figurativos, penso que se poderia dizer que, as disciplinas são *caminhos* a uma compreensão mais especializada, no caso, de uma realidade complexa. Porém, cada vez mais, essa complexidade desafia à abordagem e ao diálogo interdisciplinar. Assim, a interdisciplinaridade tem suas raízes na complexidade dos fenômenos, isto é, em suas múltiplas dimensões de existência. Observar a realidade, através de partes e especificidades desconectadas, pode limitar a compreensão de seu todo.

As práticas da interdisciplinaridade decorrem do esforço da abordagem desse todo, rompendo, assim, com os olhares e saberes *disciplinarizados* dos fatos, mas sem desconstituí-los. Como tal, constitui um processo de recomposição das frações, isto é, das partes de um todo, pela interlocução de saberes e conhecimentos. O mundo hoje exige um olhar plurivalente, mas que o possa enxergar e compreender como um todo histórico. A universidade se vê confrontada com essas exigências, tendo que

Revista GepeVida 2018

compreender e fazer dialogar entre si as diferentes ciências e áreas de conhecimento, no processo de formação de seus estudantes. Está posto o desafio para trazer isso às salas de aula.

Os seres humanos movem-se pela busca de uma certeza, de uma verdade, em relação a si mesmos e à vida. Buscam a certeza de respostas e, certamente, disso decorre um processo de construção do conhecimento, muitas vezes, contraditório e polêmico. A filosofia e a ciência se constituem nesse processo de busca de compreensão. A ciência é uma construção social e como tal tem a dimensão de tempo e lugar. Nos espaços da construção dos conhecimentos e das ciências não há um único modo de ver e explicar a realidade que nos cerca. Não existem certezas absolutas. A universidade nasce desse processo. Portanto, penso que na universidade são mais importantes as perguntas, as dúvidas, que as respostas, as certezas. Assim penso que, pelo diálogo das diferentes abordagens, as práticas da interdisciplinaridade devem atentar a isso.

Hoje, é comum reduzir a noção de conhecimento às questões tecnológicas, à materialidade da vida e isso leva a buscar respostas, certezas. Não é um erro em si. Entretanto, a questão do conhecimento é mais ampla e complexa que isso. O conhecimento envolve e condiciona a vida, sob os mais diferentes modos do viver. Não faz sentido desenvolver ciência, produzir conhecimento se não for para dar conta e amparar a vida. Isto é, o conhecimento deve estar comprometido com a vida em todas as suas formas e dimensões. O desenvolvimento científico e tecnológico só faz sentido às sociedades humanas, quando comprometido com a vida.

Para Bertolt Brecht a única finalidade da ciência seria o alívio da miséria da existência humana.³ Pode-se concordar com Brecht, caso incluirmos nessa miséria a ignorância e as dificuldades de reconhecer os limites e contradições que envolvem o fazer científico e tecnológico, as práticas de destruição da vida, inclusive geradas pela própria ciência, assim como Ulrich Beck (2010) o discute em suas reflexões sobre a sociedade de risco.

Aqui, parece-me, que está uma possibilidade de situar e localizar os pontos de partida do fazer universitário, especialmente das atividades de Pós-Graduação. Para além das preocupações com as questões epistemológicas e metodológicas em orientar e

³ <<ftp://ftp.ufrn.br/pub/biblioteca/ext/bdtd/EmiliaRPA.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2012.

Revista GepeVida 2018

conduzir a produção do conhecimento, o esforço da Pós-Graduação deve ter a vida como objeto central de sua atenção, pois, sem isso, o fazer ciência perde o seu sentido.

A influência da universidade, no processo de desenvolvimento, dá-se pela sua presença ativa e crítica, pela sua interferência nos espaços da cultura, da política, da economia, da tecnologia, da arte, etc. Não se trata de uma inserção desvinculada de um projeto de sociedade, uma presença neutra. Sob esse aspecto torna-se, também, uma estrutura de poder, no espaço local, exercido, predominantemente, a partir da produção de conhecimento, no processo das ações concretas de desenvolvimento e que lhe conferem uma importância e um papel com função social. A universidade não pode conviver, silenciosamente, com os rumos da sociedade humana. Com certeza, aqui está uma base ampla de afirmação e atuação dos programas de Pós-Graduação *stricto sensu*.

Em termos amplos, pode-se afirmar que cabe à Pós-Graduação desenvolver o conhecimento, mediante o reconhecimento e superação dos erros e riscos da *cientificação e tecnificação da vida*. O motor desse processo crítico e autocrítico deve ser o reconhecimento dos limites dos diferentes campos do saber, da ciência e de suas práticas, isto é, a interdisciplinaridade.

A Pós-Graduação, por meio de seus cursos, componentes curriculares e projetos de pesquisa, deve incorporar uma posição de alerta aos rumos da humanidade, produzindo fundamentos e referenciais teóricos ao movimento da sociedade. Isto é, deve “processar os erros e riscos” da “civilização científico-tecnológica”, especialmente, se pensarmos que esta tem, cada vez mais, como denominador comum a lógica do capital e não da vida.

Hoje, desafios pontuais cedem lugar a uma consciência da necessidade de “um outro mundo possível”, transcendendo as questões específicas de indivíduos ou grupos sociais. Hoje, globaliza-se uma consciência por novos caminhos de vida. Os esforços da Pós-Graduação podem ganhar importância diante desse contexto, instituindo a interdisciplinaridade como *modus operandi* do ensino, pesquisa e extensão.

Para finalizar, gostaria de fazer minhas as palavras de Pierre Dardot e Christian Laval (2016, p. 402): “Cabe a nós permitir que um novo sentido do possível abra caminho. O governo dos homens pode alinhar-se a outros horizontes, além daqueles da maximização do desempenho, da produção ilimitada, do controle generalizado”. Penso

Revista GepeVida 2018

que podemos reinventar o nosso mundo, a partir dos princípios da *suficiência* (tenho mais que me falta) e da transcendência (pensar nas futuras gerações).

Referências

ARENDDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 2016.

BECK, Ulrich. Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Ed. 34, 2010.

BOBBIO, Norberto. Teoria Geral da Política: a filosofia política e as lições dos clássicos. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

BUCCI, Eugênio e KEHL, Maria Rita. Videologias: ensaios sobre televisão. São Paulo: Boitempo, 2004.

COMPAGNON, Antoine. Uma temporada com Montaigne. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.

DARDOT, Pierre; LAVAL, CHRISTIAN. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolítica. Cartografias do Desejo. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos, para quê? São Paulo: Cortez, 1998.

MAFRA, Jason. Utopia e projeto possível. In: TORRES, Carlos Alberto e outros. Reinventado Paulo Freire no século 21. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008, p. 9 - 40.

RÜSEN, Jörn. História viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

TREIN, Eunice; RODRIGUES, José. O mal-estar na Academia: produtivismo científico, o fetichismo do conhecimento-mercadoria. In: Revista Brasileira de Educação, v. 16, n. 48, set.-dez. 2011, p. 769-792.

Recebido em dezembro de 2018.

Aceito em dezembro de 2018.